

O Ensino na Idade Média

- **Consulente:** Paulo
- **Idade:** 21
- **Localização:** Montes Claros - MG - Brasil
- **Escolaridade:** Superior em andamento
- **Religião:** Católica

A paz de Jesus e o amor de Maria esteja com você!!!

Meu nome é Paulo, sou estudante universitário e gostaria de receber, se possível fosse, alguma matéria ou resposta sobre a questão do ensino na idade média, pois meus professores argumentam que neste período a igreja escondia os livros a fim de ninguém conhecer as coisas a nível científico.

Atenciosamente,

Paulo Oliveira.

AD IESUM PER MARIAM

Muito prezado Paulo, salve Maria.

É incrível que professores universitários se atrevam a mentir dessa maneira, porque suponho que eles não sejam ignorantes.

Se não fosse a Idade Média eles não seriam professores, e professores de Universidades!

Pois quem fundou as Universidades foi a Igreja exatamente na Idade Média.

Na Antiguidade nunca houve universidades, nem educação para todos. Foi Cristo que ordenou aos Apóstolos: "**Ide e ensinai**". E, por isso, a Igreja sempre ensinou a todos. Foi a Igreja que fundou as Universidades.

Em Salerno, no sul da Itália, surgiu a primeira faculdade de Medicina.

Depois, surgiu a Universidade de Bolonha na qual se estudava inicialmente o Direito.

Em Paris nasceu a Sorbonne, na qual ensinaram Santo Alberto, o Grande, São Tomás de Aquino e São Boaventura, entre outros. A Sorbonne ficou famosa como a principal Universidade em teologia e Filosofia. Em Orleans, a Faculdade se notabilizou no Direito Civil, enquanto em Toulouse se destacaram os estudos médicos. Em Montpellier os estudos de

Medicina alcançaram alto nível, rivalizando com Salerno. Havia ainda, na França, Faculdades em Angers, Cahors, Gray e Avignon.

No século XIII as universidades se espalharam por toda a Europa.

Na Inglaterra, Oxford e Cambridge. Na Itália, fundaram-se universidades em Vicenza, Reggio, Arezzo, Padua, Nápoles, Treviso, Pavia, Piacenza, além de Bologna e Salerno, que já citei antes.

Em Roma, Siena, e Piacenza tiveram as suas Faculdades. Perugia se orgulhava de ter uma universidade com muitas Faculdades no século XIV.

Havia universidades em Praga, em Colonia, Na Espanha, fundaram-se universidades em Lérida, Huesca, Salamanca, Palencia, Valladolid. Em Portugal, tivemos a nossa famosa Coimbra.

No século XIV fundaram-se universidades em Heidelberg, Viena, Leipzig, Koppenhagen, Rostock, Crakow e Erfurt. Na Hungria nasceram as Universidades de Budapest e Pecz. Na Escócia, surgiram universidades em Glaskow e Aberdeen.

Por toda a parte havia Universidades, e o número de estudantes era imenso, e, proporcionalmente maior do que em muitos países, hoje.

Consta que em Oxford, no século XII, já havia por volta de 20.000 estudantes. Na Sorbonne, o número de estudantes no século XIII era maior do que no século XIX. (Cfr. James J. Walsh, **The Thirteenth, Greatest of Centuries**, Catholic School Press, New York, 1929, p.59).

E o nível dos estudos, naqueles tempos, era bem maior do que hoje. Na Idade Média, havia debates entre filósofos. Hoje, os universitários vão assistir Mike Tyson dar socos na cara de um "Maguila" qualquer.

Quando São Bernardo foi debater com o famoso Abelardo em Sens, multidões de estudantes se deslocaram para assistir a discussão.

Certa vez, há mais de quarenta anos, li um artigo de Jean Cau que cito de memória e não *ipsis litteris*: "Foi a Idade Média "analfabeta" que produziu Dante e a Divina Comédia, e foi Portugal "ignorante" que produziu Camões (já na Idade Moderna)".

Jean Cau debochava dos ignorantes professores do século XX que acusam a Idade Média de não saber ler e de que a Igreja mantinha o povo na ignorância.

Assim como não surge um Everest numa planície amazônica, assim só pode nascer um gênio como Dante em um ambiente cultural elevado, onde haja muitos homens capazes de entendê-lo. Dante é a ponta de um iceberg de cultura. E no tempo de Dante até mesmo os carregadores de barcos no rio Arno, em Florença, repetiam de cor os seus versos.

Que estudante universitário de hoje é capaz de ler e entender Dante?

Desde tempos imemoriais, nas Abadias e nas igrejas paroquiais, havia escolas para os monges e para o povo. Ainda no século XIII, em 1215, o IV Concílio de Latrão estabeleceu que em cada Catedral houvesse uma escola de gramática. O Papa Honório III, sucessor de Inocêncio III determinou que o Bispo que não tivesse estudado a Gramática de Donato devia ser deposto (Cfr. James J. Walsh, **The Thirteenth, Greatest of Centuries**, Catholic School Press, New York, 1929, p.30).

É bem conhecido o impulso que Carlos Magno deu às escolas e aos estudos, desde o século VIII e IX.

Nas Abadias, foram os monges que preservaram toda a cultura greco-romana, copiando página a página, linha a linha os autores clássicos. Se a cultura clássica chegou até nós, isso se deve à Igreja Católica através dos monges beneditinos. Além disso, os monges copiaram as obras patrísticas, acumulando um tesouro inestimável de cultura.

Evidentemente, livros copiados à mão eram caros e raros. Não se conhecia o papel e a imprensa. Mas todas as Abadias, Mosteiros e conventos tinham as suas bibliotecas. Livros eram caros, e muitos eram copiados em letras de ouro e com ricas iluminuras. Estes livros mais caros eram, por vezes acorrentados nas estantes para evitar roubos. Daí a lenda das Bíblias acorrentadas que deviam ser lidas no local das bibliotecas sem poderem ser retirados delas. Mas havia um sistema de empréstimo de livros para consultas. Houve uma determinação de um Concílio de Paris, em 1212, sobre o empréstimo de livros como obra de caridade (cfr. Joan Evans, **The Flowering of the Middle Ages**, Thames and Hudson, London, 1966 pp. 193-195).

Você bem vê, meu caro Paulo, como é falsa a alegação da ignorância da Idade Média. Para esses tolos, a cultura nasceu de repente, no Renascimento, que na verdade, foi a morte de muitas coisas, pois foi ele que trouxe de volta o paganismo com seus vícios e com a escravidão.

In Corde Jesu, semper,
Orlando Fedeli